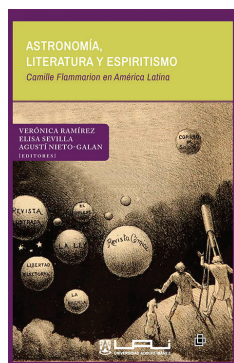


## Resenhando Flammarion abaixo da linha do Equador

### *Reviewing Flammarion below the Equator*

Moema Vergara<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Museu de Astronomia e Ciências Afins.  
Rio de Janeiro – RJ – Brasil  
orcid.org/0000-0003-1837-082X  
moema@mast.br



RAMÍREZ, Verónica;  
SEVILLA, Eliza; NIETO-  
GALAN, Agustí. *Astronomía,  
literatura y espiritismo:  
Camille Flammarion en  
América Latina*. Santiago:  
RIL Editores; Universidad  
Adolfo Ibanez, 2022. 344p.

Quando os editores da revista *História, Ciências, Saúde – Manguinhos* me convidaram para resenhar o livro *Astronomía, literatura y espiritismo: Camille Flammarion en América Latina* (Ramírez, Sevilla, Nieto-Galan, 2022), olhei nas estantes os meus livros do autor. Tinha me passado completamente despercebido que o romance *Urânia* (Flammarion, 1966) foi editado pela Federação Espírita Brasileira. Há muito tempo trabalho com a história da divulgação da ciência no Brasil, em especial a astronomia, e não sabia da relação entre Flammarion e o espiritismo. Para quem estuda a história da divulgação da ciência, o nome de Flammarion é bastante conhecido, inclusive suas incursões pela literatura. Nesse sentido, cabe lembrar que a doutrina espírita pode ser considerada uma derivação da matriz cientificista bem à moda dos Oitocentos. Muitos médicos e cientistas se converteram ao espiritismo, como foi o caso de Camille Flammarion.

O livro também tem o mérito de incluir o Brasil na América Latina, o que pode parecer óbvio do ponto de vista geográfico e cultural, mas grande parte dos brasileiros ainda considera latino-americanos os outros, e não a si próprios.

Nos vários capítulos, observo a influência da ideia de circulação tanto de Robert Darnton, na história da leitura, quanto de James Secord, na história da ciência.

Outra presença constante é Roger Chartier, para quem o processo de tradução é em si um ato criativo e produtor de conhecimento. E como os textos de Flammarion foram traduzidos na América Latina, o papel dos tradutores é explorado em vários capítulos do livro. Gostaria de chamar a atenção ainda para o caso da jornalista colombiana Soledad Acosta de Sampler (1833-1913), que produziu nas últimas décadas do século XIX, uma rara presença feminina no livro trazida por Paola Andrea Benavides. Sampler foi instrumental no

debate entre religião e ciência, ao traduzir os trabalhos de Flammarion sobre a pluralidade dos mundos. Para ela não haveria problema de os católicos aderirem às ideias do francês, uma vez que reconhecessem que Deus era o criador daqueles mundos.

Na introdução, os autores afirmam que a divulgação da ciência realizada por Flammarion foi utilizada nos países latino-americanos, na ânsia de sua elite por promover o “progresso” e a “civilização”. No livro, esses termos estão sem as aspas; contudo, para uma publicação do século XXI, estes termos não podem mais ser utilizados como se fazia no século XIX ou mesmo no século XX. É necessário pesar o custo social desses processos de “progresso” e modernização, uma vez que frequentemente ocorreram por meio da violência e do apagamento das culturas e vida dos povos originários e de origem africana. E isso é o outro lado da moeda que precisa ser evidenciado pelos cientistas sociais, pois a repetição sem crítica desses conceitos só reforça um eurocentrismo atávico.

O primeiro capítulo, escrito por Agustí Nieto-Galan, teria a função de apresentar Camille Flammarion aos leitores. O autor, entretanto, está tão preocupado em forçar as tintas em relação às ideias da astronomia popular de Flammarion e o espiritismo, que pouco se conhece da biografia do astrônomo francês. Para Nieto-Galan, a astronomia da época era uma ciência que buscava a harmonia entre os mundos celeste e terreno, um escapismo contra os problemas do cotidiano. O que não corresponde à realidade da prática dos observatórios.

Nesse capítulo, por exemplo, está a informação de que Flammarion trabalhou no Bureau de Longitudes. Segundo Galison (2005, p.105-106), aquele era o lugar fundamental da física e da astronomia do final do século XIX, que se dedicava ao problema da unificação da hora e da determinação das longitudes. Esses serviços da astronomia tinham um impacto grande no cotidiano das nações com as questões de fuso horário, cartografia e trabalhos de delimitação de fronteiras. Nieto-Galan reforça uma ideia de astronomia como fuga da realidade, voltada para a observação do céu como uma prática diletante.

Salvo o capítulo sobre a Colômbia de Juan Sebastian Ruiz que lembra a aplicação da astronomia na cartografia e no estabelecimento da hora. Ruiz aponta também para os usos políticos dessa linguagem pela elite (seja ela liberal ou conservadora), ao buscar modernizar a Colômbia no final do século XIX.

Muito interessante também é o texto sobre a Argentina, de Solidad Queirelhac, pois ressalta como a recepção de Flammarion foi feita por meio do humor nas revistas literárias. Para ele, o espiritismo não era uma religião, mas uma ciência dedicada a fenômenos do espírito. O lado “metafísico” do francês ficou restrito às publicações do tema na Argentina. Assim, Flammarion dá um verniz científico ao espiritismo. Nesse capítulo é apresentado também Eduardo Holmberg, que escreveu *Viagem maravilhosa do Sr. Nic-Nac ao planeta Marte*, de 1875. Essa obra foi classificada por Queirelhac como uma literatura fantástica, pois Holmberg conciliava o universo do espiritismo com a astronomia em suas páginas. Cabe destacar que esse é o mesmo ano da publicação de *Dr. Benignus*, no Brasil, por Emilio Augusto Zaluar, também influenciado por Flammarion. No livro de Zaluar, seu personagem Dr. Benignus faz uma viagem ao interior do Brasil e encontra extraterrestres vindos do Sol.

Sobre o Brasil, escreveram Maria Rachel Fróes Fonseca e Kaori Kodama. O texto parte da institucionalização da astronomia no século XIX, mostrando como cientistas e literatos

trabalhavam em conjunto no projeto de divulgação da ciência. Assim, escritores como Zaluar estão ao lado dos diretores do Observatório Nacional Luiz Cruls e Liais, todos admiradores de Camille Flammarion. As autoras lembram também do amor do imperador Pedro II pela astronomia como um dos fatores para sua popularização.

Concluída a leitura do livro fica clara a importância da influência de Camille Flammarion na América Latina da segunda metade do século XIX até o começo do XX. As experiências locais variaram principalmente quanto ao espiritismo. No Chile, fica evidente a resistência católica à nova doutrina/religião, em contraste com o Brasil e a Argentina, onde isso ocorria sem muito atrito com a religião hegemônica. Já no caso da inspiração na literatura, em especial na ficção científica, sua presença é incontestável juntamente com Júlio Verne.

Ao ler o livro, vejo que a popularidade da astronomia nos séculos XIX e XX em diversos países da América Latina teve a ajuda do espiritismo e da literatura. Elementos não muito frequentes em análises sobre o tema, mas que contribuíram para que a ciência tivesse peso nos processos em que muitas vezes iam além das questões da produção do conhecimento, como os usos de grupos políticos para se legitimar no poder.

#### AGRADECIMENTO

Agradeço a Isabela Calil a revisão da resenha.

#### REFERÊNCIAS

FLAMMARION, Camille. *Urânia*. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1966.

GALISON, Peter. *Os relógios de Einstein e os mapas de Poincaré*. Lisboa: Gradiva, 2005.

RAMÍREZ, Verónica; SEVILLA, Eliza; NIETO-GALAN, Agustí. *Astronomía, literatura y espiritismo: Camille Flammarion en América Latina*. Santiago: RIL Editores; Universidad Adolfo Ibanez, 2022.

